

## O INTERTEXTO BÍBLICO NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONALIDADES DE PEDRO E PAULO EM *ESAÚ E JACÓ*

Hadassa Andrade Cordeiro<sup>1</sup>

Celso Kallarrari<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho procura explorar, em *Esau e Jacó* (1904), de Machado de Assis, a função do intertexto bíblico na narrativa da transição do Império para a República, com ênfase na construção das personalidades dos gêmeos Pedro e Paulo que representam os dois polos políticos em questão. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cuja análise se fará com base no levantamento de alusões e intertextos bíblicos presentes no romance de Machado de Assis, tendo como aporte teórico os conceitos de dialogismo (BAKHTIN, 2014), intertextualidade (KRISTEVA 1967) e os estudos sobre o discurso religioso (ORLANDI, 1996). As análises demonstraram que as passagens bíblicas mais evidenciadas são a história de Esau e Jacó, em Gênesis 25, as parábolas de Jesus em Mateus 9:14-17 e o conflito entre os apóstolos Pedro e Paulo em Antioquia, em Gálatas 2. Também demonstraram que a transição política no romance dialoga com a transição religiosa no início do cristianismo entre os judeus, sendo que, tanto na obra de Machado de Assis quanto no texto bíblico, Pedro representa a posição conservadora, e Paulo, a revolucionária.

**Palavras-chave:** Discurso Religioso; Intertextualidade; Machado de Assis.

### ABSTRACT

This research aims to explore, in *Esau and Jacó* (1904), a work of Machado de Assis, the role of the biblical intertext in the narrative of the transition from the Empire to Republic in Brazil, with emphasis on the construction of the personalities of Pedro and Paulo, who represent the two political poles involved in that context. It is a bibliographic research, and the analysis is based mainly on the concepts of dialogism (BAKHTIN, 2014),

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus X. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Membro do grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens (GEICEL). E-mail: [hadassa.cor@gmail.com](mailto:hadassa.cor@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás, mestre em Educação, especialista em Língua Portuguesa, licenciado em Letras e graduado em Teologia, professor titular no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus X e do Professor no Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Educação – UNEB - Campus X. E-mail: [celsokallarrari@terra.com.br](mailto:celsokallarrari@terra.com.br)

intertextuality (KRISTEVA 1967, 2005) and on the studies on religious discourse (ORLANDI, 1996). The analysis showed that the most evident biblical passages involved are the story of Esau and Jacob, in Genesis 25, the parables of Jesus in Matthew 9: 14-17 and the conflict between the apostles Peter and Paul in Antioch, in Galatians 2. The political transition in *Esau e Jacó* dialogues with the religious transition at the beginning of Christianity among the Jews; Pedro represents the conservative position and Paulo, the revolutionary one, both in the work of Machado de Assis and in the biblical text.

**Keywords:** Religious Discourse; Intertextuality; Machado de Assis.

## **1. Introdução**

A obra de Machado de Assis é um espaço propício para a investigação sobre as relações entre literatura e discurso religioso, e o romance *Esau e Jacó*, em especial, evidencia a presença deste discurso cumprindo diferentes funções: i) na abordagem política e histórica da obra, ii) na construção da personalidade dos personagens principais, iii) na reflexão sobre as práticas e pensamentos religiosos da época, e iv) nas estratégias de argumentação do narrador. Este texto se concentra nos dois primeiros aspectos, que estão intimamente ligados.

Assim, temos como objetivo principal explorar, em *Esau e Jacó* (1904), a função do intertexto bíblico na narrativa da transição do Império para a República, com ênfase na construção das personalidades dos gêmeos Pedro e Paulo que representam os dois pólos políticos envolvidos. Os objetivos específicos são: a) identificar no romance as relações intertextuais com passagens bíblicas; b) discutir a relação da narrativa sobre a transição do Império para a República, no romance, com o discurso bíblico sobre o início de uma nova nação a partir de Jacó, e sobre a dualidade religiosa judaísmo/cristianismo; e então, c) analisar a intertextualidade bíblica na construção das personalidades dos gêmeos Pedro e Paulo, em suas semelhanças com os gêmeos Esau e Jacó, no Antigo Testamento, e com os apóstolos Pedro e Paulo, no Novo Testamento.

Este artigo é parte da pesquisa produzida no subprojeto de Iniciação Científica “Intertextualidade bíblica como chave de leitura contextual no romance *Esau e Jacó* (1904), de Machado de Assis”, que integra o projeto intitulado “O Discurso Religioso em Machado de Assis: dialogismo, intertexto e discurso bíblicos”, realizado entre 2019 e 2020, sob a orientação do Professor Dr. Celso Kallarrari da Universidade do Estado da Bahia - *Campus X*, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Quanto à metodologia, trata-se de

uma pesquisa de abordagem qualitativa, por ter como finalidade fazer uma leitura das questões políticas e sociais apresentadas na obra através do intertexto bíblico. A pesquisa bibliográfica realizada caminha nos estudos linguísticos, literários e religiosos, com foco nas marcas do discurso religioso presente no romance. As análises se apoiam nos estudos de Bakhtin (2014) com o conceito de dialogismo e suas manifestações no texto literário; de Kristeva (1967, 2005), em suas considerações sobre intertextualidade; e de Orlandi (1996) sobre as características do discurso religioso.

## **2. Discussões teóricas**

### **2.1 A obra e o contexto histórico**

O romance *Esau e Jacó* conta a história dos gêmeos Pedro e Paulo, que participam do período de tensões políticas que marcam o fim da monarquia e o começo do Brasil República. A obra é marcada por diversas relações de oposição, seja entre o Romantismo e Realismo, na literatura da época; entre os pensamentos monarquista e republicano, na política, ou entre as personalidades dos gêmeos Pedro e Paulo. Essas oposições podem ser resumidas a uma — entre o velho e o novo; em outras palavras, à ideia de transição.

No enredo, desde a consulta de Natividade, mãe dos gêmeos, à cabocla do castelo para saber do destino dos filhos ainda pequenos, torna-se constante a inquietação diante das “coisas futuras” — preditas de maneira pouco clara pela cabocla — e das brigas entre os meninos, que tiveram início no ventre materno. Durante toda a narrativa, as discórdias entre os irmãos e a preocupação da mãe sobre o destino deles simbolizam o mesmo sentimento da sociedade brasileira diante do futuro incerto do país e das tensões entre as diferentes posições políticas representadas por Pedro e Paulo.

Os pensamentos divergentes são assumidos pelos gêmeos à medida que crescem e passam a se envolver nas questões políticas da época. Pedro, monarquista e conservador, estuda medicina no Rio de Janeiro, enquanto Paulo, republicano e revolucionário, estuda Direito em São Paulo. Um aspecto importante da construção dos personagens é a descrição de Pedro como “dissimulado”, e de Paulo como “agressivo”. Para Gledson (1986), essa caracterização soa como uma crítica à dissimulação do

Império e à fama dos republicanos de serem “briguentos”. O embaraço romântico que faz parte da obra (a paixão dos gêmeos pela mesma moça e a indecisão de Flora diante dos dois rapazes) está longe de ser o foco da narrativa, e é explicado pelo próprio narrador como uma questão secundária. Não é, entretanto, sem propósito, e serve como uma forma de evidenciar a questão principal, que são as naturezas e pensamentos divergentes dos gêmeos na disputa paralela pelo poder político e pelo amor de Flora.

Em se tratando do estudo da ficção de Machado de Assis, Gledson (1986) considera fundamental perceber a que perspectivas sobre a História do Brasil a obra conduz o leitor. *Esau e Jacó* — assim como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* — tem sua narrativa situada em um contexto histórico de mudanças e crises políticas, tomando como exemplo o ano de 1871 (no qual foi sancionada a Lei do Ventre Livre) que marca o início do enredo de *Esau e Jacó*, justamente quando Natividade consulta a cabocla. Os anos que constituem o enredo são um recorte temporal propício para enfatizar as motivações duvidosas das tentativas de reforma social no século XIX. Destacam-se como datas e acontecimentos cruciais na narrativa, a abolição da escravatura, em 1888, e a proclamação da República, em 1889.

## ***2.2 Dialogismo e intertextualidade***

Para esta análise, com foco nas relações intertextuais, é necessário compreender primeiro como se dão, de maneira mais abrangente, as relações dialógicas no romance. Bakhtin (2014) destaca que toda enunciação é constituída como uma resposta a outras enunciações, e está inevitavelmente vinculada aos demais atos de fala que são anteriores a ela, além de estar relacionada, de forma antecipada, às enunciações que virão depois. Logo, qualquer enunciado deve ser estudado não somente através de seus aspectos intralinguísticos e coesivos, mas também pelas interferências externas que compõem seu sentido. Neste sentido, o dialogismo é inerente à produção de todo discurso. Por sua vez, o discurso literário, especificamente, se destaca como espaço propício para o exercício do dialogismo, pois nele é possível, no ato da escritura, apropriar-se de textos anteriores (discursos de outrem), seja para absorver, desconstruir ou reconstruir seus sentidos, estabelecendo um diálogo contínuo entre diferentes vozes.

De acordo com a ótica de Bakhtin (2010), o romance se projeta para o discurso-resposta, cujo dialogismo encontra-se interiormente na própria concepção de objeto do discurso:

A dialogicidade interna do discurso romanesco exige a revelação do contexto social concreto, o qual determina toda a sua estrutura estilística, sua 'forma' e seu 'conteúdo', sendo que os determina não a partir de fora, mas de dentro: pois o diálogo social ressoa no seu próprio discurso, em todos os seus elementos, sejam eles de 'conteúdo' ou de 'forma' (BAKHTIN, 2010, p. 106).

Para Bakhtin, no ensaio *O discurso no romance* (2010, p. 71-210), a linguagem no romance se estabelece num permanente movimento entre autor (narrador) e sua linguagem, o que impede o monologismo e conduz ao plurilinguismo. O plurilinguismo é compreendido como responsável pela introdução do discurso do outro na linguagem do outro. Ele serve a dois locutores e exprime duas intenções: uma direta, da personagem que fala e a outra, indireta, refratada, do autor. Dessa forma, o romance não se limita nem se esgota em si mesmo, sendo constituído por múltiplos caminhos, linguagens e vozes, em uma relação dialética com a sociedade. Ele é marcado, essencialmente, pelo dialogismo e pelo intertexto; nesta pesquisa em particular, pela intertextualidade bíblica.

O termo *intertextualidade* ganhou notoriedade no Ocidente, a partir dos estudos de Julia Kristeva que discutia o texto literário à luz das teorias de Bakhtin. Kristeva (1967, p. 439, *apud* FIORIN, 2014, p. 163) explicava, respaldada no dialogismo de Bakhtin, que o discurso literário “não é um *ponto* (um sentido fixo), mas um *cruzamento de superfícies* textuais, um diálogo de várias escrituras”. Nessa perspectiva, apesar de Bakhtin não fazer uso do termo *intertextualidade*, esse conceito se insere na sua concepção de relações dialógicas. Pode-se pensar ainda na definição de Charaudeau e Maingueneau (2016) para intertextualidade como uma

*propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante de interdiscursividade* (p. 288, grifos dos autores).

Desse modo, a intertextualidade pode ser concebida de forma mais abrangente, considerando que todo texto é um intertexto, e de forma mais específica, enfatizando as marcas e interferências de outro(s) texto(s)

## *Religião, Língua e Literatura*

determinado(s) e identificáveis. Em Esaú e Jacó (1904), a segunda forma se refere, majoritariamente, ao texto bíblico.

*Esaú e Jacó* é caracterizado por Bezerra (2008) como um romance polifônico. A polifonia — conceito que se associa ao dialogismo — é entendida como a presença de diversas vozes na construção do texto. O narrador do romance deixa claro que suas percepções não são a única fonte do conteúdo narrado, mas complementam as contribuições das outras vozes no texto, estabelecendo um diálogo com o leitor:

Ora, aí está justamente a epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de *completar as pessoas da narração com as idéias que deixarem*, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, *há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor*, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos. “ (ASSIS, 2019, p. 44, grifos nossos.)

Faz parte da argumentação do narrador a inserção das vozes de personagens e de referências externas. No contexto da multiplicidade de vozes que marcam a polifonia no romance, uma peça fundamental na construção de *Esaú e Jacó* é a intertextualidade bíblica, que, a começar pelo título, abrange uma série de alusões a passagens do Antigo e Novo Testamento, cumprindo, entre outras funções, a de reforçar as noções de dualidade e transição próprias do romance. A principal referência bíblica que participa dessa construção é a história de Esaú e Jacó, descrita a partir de Gênesis 25:19. A alusão aos apóstolos Pedro e Paulo terá sua referência mais explícita na Carta de Paulo aos Gálatas 2:11-14, conforme analisaremos mais à frente. Além dessas, dezenas de marcas do discurso bíblico são encontradas ao longo da narrativa.

### **3. Discurso Religioso e intertexto bíblico**

O discurso bíblico que marca a intertextualidade no romance é, por sua natureza, um discurso religioso. O discurso religioso é definido por Orlandi (1996) como aquele em que fala a voz de Deus, sendo uma de suas propriedades o desnivelamento hierárquico entre o locutor (Deus) e o ouvinte (os homens). A autora retoma as percepções de Althusser (1974) sobre a ideologia religiosa cristã como exemplo da estrutura formal de qualquer ideologia. Um dos termos centrais dessa sistematização é a noção

de sujeito. Existe, no discurso religioso, um Sujeito por excelência - Deus -, o único que tem o poder de nomear e que não pode ser nomeado, e os sujeitos submetidos à sua autoridade. Então, entende-se que a noção de sujeito é dupla: a de ser sujeito e a de assujeitar-se. Os indivíduos assujeitados não exercem liberdade alguma, a não ser a de aceitar sua submissão. Assim, o discurso bíblico, como texto sagrado, se impõe ao leitor como a Palavra de Deus, que não permite total liberdade de interpretação ou reconstrução.

Contudo, na literatura, o discurso bíblico será ferramenta para construção de novos sentidos. Magalhães (2009), em seu estudo sobre as diferentes associações entre Teologia e Literatura, explica que, além de ser possível fazer uma leitura da Bíblia como obra literária, também é possível usar o discurso bíblico para fins de criação literária:

Outro uso é o que os autores da literatura fazem da Bíblia [...]. Não faltam exemplos de como parábolas, imagens, motivos da Bíblia são usados nos grandes e pequenos escritos da literatura ocidental. Em todos eles, há uma tentativa de recontar a história a partir de novas vivências ou questioná-las a partir de novos valores. De qualquer forma, porém, a Bíblia fornece instrumentos e base para muitas criações literárias. (p. 113, 144)

Também são encontrados traços do discurso religioso apresentados por Orlandi (1996) na voz do narrador, como estratégia de argumentação. Esses traços incluem o uso do imperativo e vocativo; o uso de metáforas, acompanhadas por paráfrases que funcionam como interpretações diante da obscuridade do discurso religioso; as citações em latim, que, em situação parecida com as metáforas, são traduzidas por perífrases, que exploram ao máximo os sentidos religiosos que podem ser sugeridos pela diferença de língua; o uso de performativos, que expressam advertências, ordens, garantias etc.; e o uso de sintagmas cristalizados, como ocorre com as orações. Além desses traços, o discurso religioso também apresenta formas típicas como a Parábola, e temas típicos, como a salvação e a vida eterna. Uma última característica enfatizada por Orlandi (1996) é a intertextualidade, que é definida “pela remissão de um texto a outros textos para que ele signifique” (p. 235). O discurso religioso e, principalmente, o teológico, é sempre um discurso (de interpretação) sobre outro discurso (sagrado), um redizer de significação divina. No romance, entretanto, o texto bíblico é recriado para assumir novos significados e cumprir uma função literária de crítica social e política.

Vale ainda destacar a definição do discurso profético, dentro do discurso religioso. Selma Castro (1987) apresenta como característica fundamental da profecia “a dissimulação da sua relação com o momento histórico como possibilidade mesma de constituir-se” (p. 30). Assim, fala-se de outro tempo e espaço, distantes dos da enunciação, em uma experiência espiritual. Castro esclarece que, na reflexão sobre esse discurso, entra em jogo

a difícil situação-limite de ter que aprofundar as dimensões de espaço e tempo como condição de apreensão de uma outra dimensão, a da fé, que, paradoxalmente, parece não se encontrar diretamente ligada à experiência histórica deste discurso (p. 29).

Essa noção é necessária para a análise de *Esau e Jacó*, já que a revelação do destino dos gêmeos, através da cabocla, é um dos acontecimentos centrais da obra.

### **3. Análises**

#### **3.1 A transição do Império para a República e o intertexto bíblico**

O primeiro elemento que compõe a intertextualidade bíblica em *Esau e Jacó*, dentro desta seção inicial das análises, tem como ponto de partida o próprio título da obra. Não nos aprofundaremos aqui, por enquanto, nas comparações entre os personagens bíblicos Esau e Jacó e os personagens Pedro e Paulo, na obra de Machado de Assis; mas, de forma mais geral, na relação entre o início da República e a formação da nação israelita. A abordagem sobre uma transição política, no romance, tem a ver com o fim do Império e o início da República no Brasil, e, em Gênesis, tem a ver com a nova nação formada na descendência de Jacó (Israel), que foi escolhida e abençoada por Deus, em contraste com o destino do povo descendente de Esau (Edom), que foi rejeitado por Deus (Malaquias 1: 1-4; Romanos 9:13).

Não é apenas a transição política por si, mas a interferência divina na história — marcada no discurso profético — que demonstra a relação de *Esau e Jacó* com o texto bíblico. Em Gênesis 25: 21-23, a gravidez de Rebeca foi resultado de uma ação divina, movida pelas orações de Isaque por sua esposa que era estéril. O futuro dos filhos também é revelado por Deus: “Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá

ao menor” (Gn. 25:23). O menor era Jacó, que foi o segundo gêmeo a nascer. Jacó receberia, posteriormente, o nome de Israel (Gn 35), e seus descendentes, os israelitas, foram superiores aos edomitas, por causa da aliança que Deus havia instituído com Israel (Mt 1: 1-4).

Na obra de Machado de Assis, a interferência do aspecto divino na narrativa se dá com a figura da cabocla do Castelo, que revela a Natividade (mãe dos gêmeos Pedro e Paulo) que seus filhos seriam grandes homens. A grandeza dos rapazes se deu no meio político, com o início da República, e o discurso profético da cabocla se cumpre assim como acontece com a profecia divina no texto bíblico. A busca espiritual para uma revelação sobre os filhos acontece, tanto na passagem bíblica quanto no romance, por parte das mães Rebeca e Natividade. Foi revelado também, na consulta à cabocla, que os gêmeos brigavam no ventre, assim como aconteceu com Esaú e Jacó (Gn. 25: 22). É importante ressaltar que a experiência mística de Natividade na consulta à cabocla é o que muitas vezes a conforta durante a narrativa. Croatto (2001) explica que uma das funções da experiência religiosa é solucionar as limitações humanas que incluem a falta de sentido de muitas experiências vitais, como o sofrimento, a dor, a morte ou o “vazio” da vida. As constantes brigas dos filhos preocupavam a mãe, mas a revelação da briga desde o ventre materno e a promessa de grandeza para os dois davam sentido àquelas situações complicadas.

Antes da consumação do sucesso de Pedro e Paulo, que acontece no desfecho do romance, o foco da narrativa está justamente nas tensões entre suas opiniões e personalidades que representam a divisão de opinião política da época. De forma geral, Pedro representa o conservadorismo, a tradição, o Império; enquanto Paulo representa o novo, a mudança, a República. Ainda na oposição entre Império e República, passaremos do intertexto com a história bíblica de Esaú e Jacó, no Antigo Testamento, que se explicita a partir do título do romance, para as tensões entre judaísmo e cristianismo, no Novo Testamento, que é indicada a partir dos nomes dos gêmeos.

Ainda aqui, não trataremos das comparações (alusões) entre os apóstolos Pedro e Paulo e os gêmeos Pedro e Paulo, mas de como o início da República é relacionado ao início do Cristianismo. Entre as passagens que demonstram essa relação, destaca-se o capítulo “Tabuleta Velha” em *Esaú e Jacó*, que dialoga com as parábolas de Jesus escritas em Mateus 9:14-17, Marcos 2:18-22 e Lucas 5:33-39.

## Religião, Língua e Literatura

<p>Custódio foi recebido com a benevolência de outros dias e um pouco mais de interesse. Aires queria saber o que é que o entristecia.</p> <p>— Vim para contá-lo a V. Excia.; é a tabuleta.</p> <p>— Que tabuleta?</p> <p>— Queira V. Excia.ver por seus olhos, disse o confeiteiro, pedindo-lhe o favor de ir à janela.</p> <p>— Não vejo nada.</p> <p>— Justamente, é isso mesmo. Tanto me aconselharam que fizesse reformar a tabuleta que afinal consenti, e fi-la tirar por dois empregados. A vizinhança veio para a rua assistir ao trabalho e parecia rir de mim. Já tinha falado a um pintor da Rua da Assembléia; não ajustei o preço porque ele queria ver primeiro a obra. Ontem, à tarde, lá foi um caixeiro, e sabe V. Excia.o que me mandou dizer o pintor? Que a tábua está velha, e precisa outra; a madeira não agüenta tinta. Lá fui às carreiras. Não pude convencê-lo de pintar na mesma madeira; mostrou-me que estava rachada e comida de bichos. Pois cá de baixo não se via. Teimei que pintasse assim mesmo; respondeu-me que era artista e não faria obra que se estragasse logo.</p> <p>— Pois reforme tudo. Pintura nova em madeira velha não vale nada. Agora verá que dura pelo resto da nossa vida.</p> <p>— A outra também durava; bastava só avivar as letras. (ASSIS, 2019, p. 132)</p>	<p>Então, chegaram ao pé dele os discípulos de João, dizendo: Por que jejuamos nós e os fariseus muitas vezes, e os teus discípulos não jejuam?</p> <p>E disse-lhes Jesus: Podem porventura andar tristes os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles? Dias, porém, virão, em que lhes será tirado o esposo, e então jejuarão.</p> <p>Ninguém deita remendo de pano novo em roupa velha, porque semelhante remendo rompe a roupa, e faz-se maior a rotura.</p> <p>Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás rompem-se os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam. (Mt 9:14-17)</p>
---	--

A fala de Jesus — no momento em que ele é questionado sobre o fato de seus discípulos não jejuarem, como faziam os fariseus e os discípulos de João Batista — faz separação entre elementos da Lei de Moisés (como o jejum) e o evangelho, o Novo Testamento que era estabelecido partir dele. Assim, as tradições judaicas nas quais se apoiava a justiça dos fariseus não se aplicavam ao momento em que o Cristo prometido pelas profecias já estava presente, e isso marca uma mudança de

pensamento religioso para os judeus que se convertiam à doutrina pregada por Jesus, crendo que ele era o Cristo.

A alusão ao texto bíblico fica evidente na fala do conselheiro Aires: “Pintura nova em madeira velha não vale nada. Agora verá que ela dura pelo resto da vida”, que se relaciona à fala de Jesus “Nem se deita vinho novo em odres velhos; (...) mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam”. Mas é interessante notar, além disso, que o capítulo sobre a tabuleta velha, dentro da estrutura do romance de Machado de Assis, está de certa forma isolado, como um acontecimento à parte. Não envolve os personagens e conflitos principais, como uma cena deslocada do enredo principal. Isso dá ao leitor a mesma impressão de quem ouve uma parábola, como se o narrador estivesse contando uma alegoria, que tem como finalidade transmitir uma mensagem maior. Lembremos, portanto, que a Parábola é uma forma típica do discurso religioso (ORLANDI, 1996). E assim como a necessidade de odres novos para o vinho novo, na fala de Jesus, transmite a mensagem do Novo Testamento estabelecido por ele, a necessidade de uma tabuleta nova, na narrativa de *Esau e Jacó*, aponta para a mudança política que estava acontecendo. Podemos ainda considerar que o conselheiro Aires, a quem os personagens constantemente recorrem, cumpre uma função semelhante à de Jesus, sendo procurado para dar uma palavra de sabedoria, uma instrução.

#### 4. *A construção das personalidades dos gêmeos Pedro e Paulo*

Em *Esau e Jacó*, a construção das personalidades dos gêmeos Pedro e Paulo se associa aos gêmeos Esaú e Jacó, no Antigo Testamento, e aos apóstolos Pedro e Paulo, no Novo Testamento. A mais clara relação intertextual se dá a partir das alusões referentes à história dos dois irmãos de Gênesis 25: eram gêmeos, teriam brigado no ventre da mãe, tinham uma promessa (profecia) sobre seu futuro e personalidades opostas:

<p>[...] E não foi sem grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer.</p> <p>— Brigado?</p> <p>— Brigado, sim, senhora.</p> <p>— Antes de nascer?</p>	<p>Os filhos lutavam no ventre dela; então, disse: Se é assim, por que vivo eu? E consultou ao Senhor.</p> <p>Respondeu-lhe o Senhor: Duas nações há no teu ventre,</p>
---	---

## Religião, Língua e Literatura

<p>— Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra?</p> <p>Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê?</p> <p>[...]</p> <p>— Serão grandes, oh! Grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, coisas futuras!” (ASSIS, 2019, p. 11-13).</p>	<p>dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço.</p> <p>Cumpridos os dias para que desse à luz, eis que se achavam gêmeos no seu ventre. (Gn 25:22-24)</p>
--	--

Quanto às particularidades dos irmãos na obra de Machado, a principal relação de intertextualidade está na comparação com as passagens bíblicas relacionadas aos apóstolos Pedro e Paulo, no Novo Testamento. No entanto, ainda se deve pontuar que a característica dos personagens de terem personalidades opostas também dialoga com o texto de Gênesis, sobre Esaú e Jacó, os quais tinham estilos de vida divergentes:

<p>Tudo esperavam, menos os dois gêmeos, e nem por ser o espanto grande, foi menor o amor. [...] <i>Vieram a ter gênio diferente</i>, mas por ora eram os mesmos estranhões. Começaram a sorrir no mesmo dia. O mesmo dia os viu batizar.” (ASSIS, 2019, p. 29, grifo nosso).</p>	<p>E cumprindo-se os seus dias para dar à luz, eis gêmeos no seu ventre.</p> <p>[...]</p> <p>E cresceram os meninos, e Esaú foi homem perito na caça, homem do campo; mas Jacó era homem simples, habitando em tendas.” (Gn 25: 24, 27)</p>
---	---

Os irmãos Pedro e Paulo são definidos cada um por uma característica principal na narrativa: Pedro era dissimulado e Paulo era agressivo. Gledson (1986) explica essa caracterização como uma crítica à dissimulação do Império e à fama dos republicanos de serem “briguentos”. Com foco na intertextualidade bíblica, essa descrição dos gêmeos tem relação com os apóstolos Pedro e Paulo, principalmente no escrito de Paulo aos Gálatas, no capítulo 2:

Paulo era mais *agressivo*, Pedro mais *dissimulado*, e, como ambos acabavam por comer a fruta das árvores, era um moleque que a ia buscar acima, fosse a cascudo de um ou com promessa de outro. A promessa não se cumpria nunca; o cascudo, por ser antecipado, cumpria-se sempre, e às vezes com repetição depois do serviço. Não digo com isto que um e outro dos gêmeos não soubessem agredir e dissimular; a diferença é que cada um sabia melhor o seu gosto, coisa tão óbvia que custa escrever. (ASSIS, 2019, p. 54, 55, grifos nossos).

E, chegando Pedro à Antioquia, *lhe resisti na cara*, porque era repreensível. Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando, e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus também *dissimulavam com ele*, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela *sua dissimulação*. Mas, quando vi que não andavam bem e diretamente conforme a verdade do evangelho, *disse a Pedro na presença de todos*: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus? (Gl 2:11-14, grifos nossos).

Não se pode esquecer, antes de explorar mais a fundo o intertexto com o capítulo 2 de Gálatas, que, ainda em Gênesis, também é narrada a agressividade e a dissimulação por parte dos gêmeos Esaú e Jacó. Jacó era destinado a ser o patriarca de uma nação sobre a qual estaria a bênção de Deus, mas ficou conhecido como usurpador por ter preparado um plano para tomar o direito da primogenitura de seu irmão Esaú (que foi o primeiro bebê a nascer), enganando a seu pai Isaque. Esaú, depois disso, procurou matar seu irmão, mas Jacó fugiu e depois foi perdoado. Assim, essa narrativa demonstra a dissimulação por parte de Jacó, e a agressividade, por parte de Esaú.

Voltando à relação do romance com Gálatas 2, a diferença entre as opiniões políticas dos gêmeos indica uma relação dialógica com uma questão que envolve a opinião religiosa dos apóstolos Pedro e Paulo. O texto de Gálatas 2 evidencia comportamentos e posturas diferentes entre esses dois personagens bíblicos diante da missão evangelizadora a ele imposta. Para o apóstolo Pedro, a missão consistia em levar o evangelho aos judeus espalhados em diversas nações, e para o apóstolo Paulo, a pregação do evangelho deveria se estender aos gentios de maneira geral.

Em *Esaú e Jacó*, Pedro era a favor do Império enquanto Paulo defendia os ideais republicanos. Pedro, o irmão monarquista e conservador, defensor da tradição, se associa ao apóstolo Pedro que, sendo um cristão originalmente judeu, manteve práticas tradicionais judaicas em sua vida

religiosa. Paulo, o irmão revolucionário, se associa ao apóstolo Paulo que, apesar da origem judaica, rompeu com as obrigações descritas na Lei de Moisés e defendeu, com mais veemência, a separação entre a justiça da Lei e a justificação pela fé. Em Gálatas 2:6-9, o apóstolo Paulo chega a caracterizar o trabalho missionário de Pedro como o "evangelho da circuncisão" (o evangelho para os judeus) e o dele mesmo como o "evangelho da incircuncisão" (o evangelho para os não judeus):

E, quanto àqueles que pareciam ser alguma coisa [...], nada me comunicaram; antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão (porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios), e conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que me havia sido dada, deram-nos as destras, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão. (Gl 2:6-9)

Ladd (2003), estudioso do Novo Testamento, explica que o “partido da circuncisão” era formado por “judeus cristãos que se recusavam a reconhecer qualquer divergência entre o judaísmo e o cristianismo. Para eles, o cristianismo era o cumprimento do judaísmo, não seu sucessor” (p. 500). Um trecho de *Esau e Jacó*, que pode se relacionar a essa diferença, é o que apresenta a motivação da opinião de Pedro e Paulo sobre a abolição da escravatura. Os dois concordavam com a mudança social, mas Pedro a considerava como "um ato de justiça" que não implicava necessariamente no declínio da monarquia, enquanto Paulo via o acontecimento de 1888 como "o início da revolução", de uma mudança maior e mais radical:

Não esqueça dizer que, em 1888, uma questão grave e gravíssima os fez concordar também, ainda que por diversa razão. A data explica o fato: foi a emancipação dos escravos. Estavam então longe um do outro, mas a opinião uniu-os.

A diferença única entre eles dizia respeito à significação da reforma, que para Pedro era um ato de justiça, e para Paulo era o início da revolução. Ele mesmo o disse, concluindo um discurso em São Paulo, no dia 20 de maio: 'A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco'. (ASSIS, 2019, p. 97)

O pai dos gêmeos, impressionado com o discurso de Paulo, quis divulgá-lo. Mas o trecho do discurso com tom revolucionário, no final do excerto acima, preocupou Natividade, que temia a opinião da monarquia. Pedro, ouvindo o dilema dos pais, elabora uma explicação para amenizar o pensamento republicano do texto, dizendo que poderia se tratar de uma ideia semelhante à de um monarquista liberal. Natividade desconfia da

intenção do filho, que estava sempre em desacordo com o irmão, e poderia estar tentando causar-lhe prejuízo, mas foi convencida de que Pedro procurava ajudar nesse momento. O pai logo concorda com a explicação de Pedro e decide publicar o discurso. Esse momento do enredo continua a demonstrar as relações da personalidade dos gêmeos com a dos apóstolos Pedro e Paulo. O conflito em Antioquia (Gálatas 2) se deu, justamente, por Pedro ter, dissimuladamente, amenizado o “evangelho da incircuncisão” pregado por Paulo entre os gentios. Paulo o repreendeu porque, antes que os mais conservadores (os da parte de Tiago, no verso 12) chegassem, Pedro comia com os gentios, mas depois de haverem chegado, ele se afastou. Guthrie (1984) esclarece que os judeus comiam separados dos gentios por temerem a contaminação proveniente de alimentos proibidos pela lei levítica, procurando cumprir as rígidas leis dietéticas do judaísmo.

Com medo dos chamados “judaizantes”, não apenas Pedro, mas também outros judeus dissimularam com ele e se afastaram dos gentios. Assim, podemos indicar a relação dialógica dessa passagem com o temor diante dos conservadores e a manipulação do sentido do discurso republicano de Paulo, por parte de sua família, em *Esau e Jacó*:

<p>— Mas, Agostinho, isto pode fazer mal à carreira do rapaz; o imperador pode ser que não goste...</p> <p>Pedro, que assistia desde alguns instantes ao debate, interveio docemente para dizer que os receios da mãe não tinham base; era bom pôr a frase toda, e, a rigor, não diferia muito do que os liberais diziam em 1848.</p> <p>— Um monarquista liberal pode muito bem assinar esse trecho, concluiu ele depois de reter as palavras do irmão.</p> <p>— Justamente! assentiu o pai.</p> <p>[...]</p> <p>Também se tirou uma edição em folheto, e o pai mandou encadernar ricamente sete exemplares, que levou aos ministros, e um ainda mais rico para a Regente.</p> <p>— Você diga-lhe, aconselhou Natividade, que o nosso Paulo é liberal ardente...</p> <p>— Liberal de 1848, completou Santos lembrando as palavras de Pedro.</p>	<p>Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando, e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão.</p> <p>E os outros judeus também dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação.</p> <p>(Gl 2:</p>
--	--

Berger (1985), descrevendo a sociedade de forma dialética — por ser formada por indivíduos e pela sua coletividade, num processo cíclico e simultâneo — explica que haverá sempre uma tensão entre a tentativa de estabilidade da cultura e sua inevitável instabilidade e tendência à mudança. O medo da mudança, da quebra com o que já está instituído, se associa ao temor diante da possível anomia e perda de sentido. Esses processos de instabilidade e mudança, durante o contexto histórico no qual se dá o enredo de *Esau e Jacó*, envolviam principalmente a questão política, enquanto no texto bíblico, a questão principal é religiosa e diz respeito à propagação do evangelho.

O que se segue depois disso no romance também se assemelha ao texto bíblico. Santos, o pai dos gêmeos, repetiu as palavras de Pedro no Palácio Isabel, diante da Regente, conforme o excerto apresentado no quadro seguinte. Quando o gêmeo Paulo soube do que aconteceu, quis esclarecer publicamente sua opinião, com o mesmo ímpeto que o apóstolo Paulo repreende a Pedro em Antioquia. Além da fala do apóstolo em público naquela ocasião, a própria escrita da Epístola aos Gálatas tem como um de seus propósitos centrais argumentar sobre a discussão religiosa que motivou o conflito em Antioquia. Sobre a argumentação por vezes agressiva de Paulo, Guthrie (1984) comenta o estilo de escrita do apóstolo, destacando seu tom simultaneamente cordial e rígido.

Aqueles que refletirem cuidadosamente sobre as características do estilo nesta Epístola descobrirão com clareza cada vez maior um advogado ardentemente zeloso de sua causa, mas cuja perícia em pleitear era também considerável. (GUTHRIE, 1984, p. 19)

O personagem de *Esau e Jacó*, de forma semelhante, decide publicar um artigo para esclarecer sua opinião. A defesa destemida da opinião do personagem republicano e do “apóstolo dos gentios” torna-se, então, mais um ponto de encontro entre os textos:

<p>Pelas férias é que Paulo soube da interpretação que o pai dera à Regente daquele trecho do discurso. Protestou contra ela, em casa; quis fazê-lo também público (...)</p> <p>— (...) Vou escrever um artigo a propósito de qualquer coisa, e não deixarei dúvidas...</p> <p>— Para quê? inquiriu Aires.</p> <p>— Não quero que suponham...</p> <p>— Mas quem duvida dos seus sentimentos?</p> <p>— Podem duvidar.</p> <p>(...)</p> <p>Paulo leu o artigo. Tinha por epígrafe isto de Amós: "Ouvi esta palavra, vacas gordas que estais no monte de Samaria..." As vacas gordas eram o pessoal do regime, explicou Paulo. Não atacava o imperador, por atenção à mãe, mas com o princípio e o pessoal era violento e áspero. (ASSIS, 2019, p. 113-116)</p>	<p>Mas, quando vi que não andavam bem e diretamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro <i>na presença de todos</i>: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?</p> <p>(Gl 2: 14, grifo nosso)</p>
--	---

O fato de haver uma citação bíblica, tirada do livro de Amós, como epígrafe do texto de Paulo, mostra que o intertexto bíblico na obra acontece também no discurso religioso por parte dos próprios personagens, refletindo as crenças e práticas religiosas da época. Neste sentido, os discursos católico e espírita são os principais em *Esau e Jacó*. O primeiro é encontrado, por exemplo, ainda na escolha dos nomes dos gêmeos, quando Perpétua, irmã de Natividade, rezou o Credo durante uma missa e citou os apóstolos Pedro e Paulo. “Pedro e Paulo, disse Perpétua à irmã e ao cunhado, quando rezei estes dois nomes senti uma coisa no coração...” (ASSIS, 2019, p. 30). Diversos outros acontecimentos do enredo também apresentam o discurso católico. O segundo, relacionado ao espiritismo, se exemplifica na visita de Natividade à Cabocla do Castelo e na visita de Santos ao médium Plácido, procurando uma confirmação do que havia sido profetizado pela cabocla. Quanto a isso, é interessante perceber que há uma hierarquização das práticas religiosas presentes no romance. A figura da cabocla é estigmatizada e desprestigiada. Muitas pessoas a procuravam, mas faziam isso secretamente. O médium Plácido, por sua vez, recebe maior credibilidade e tem a autoridade para confirmar ou não a “crendice” popular. Já o catolicismo se estabelece como um discurso religioso oficial,

sendo mais aceito socialmente. Mas este é um aspecto da obra que deve ser contemplado em outro texto.

## 5. *Conclusão*

As análises demonstraram que a linguagem no romance se estabelece num permanente movimento entre autor (narrador) e sua linguagem, configurando, assim, o plurilinguismo, ou seja, a introdução do discurso religioso na criação de personagens e em algumas temáticas abordadas na linguagem de *Esaú e Jacó*. Evidenciou-se que o recurso ao texto bíblico na obra de Machado de Assis, seja ele uma alegoria, alusão ou intertexto, funciona como base para a construção das personalidades dos personagens em *Esaú e Jacó*, e corrobora a discussão social que está além da questão religiosa. Assim, para o leitor de *Esaú e Jacó*, o texto bíblico é um instrumento essencial para a interpretação dos sentidos no romance. As passagens bíblicas mais evidenciadas são a história de Esaú e Jacó, em Gênesis 25, as parábolas de Jesus em Mateus 9:14-17 e o conflito entre os apóstolos Pedro e Paulo em Antioquia, em Gálatas 2. Além disso, a transição política no romance dialoga com a transição religiosa no início do cristianismo entre os judeus, sendo que, tanto na obra de Machado de Assis quanto no texto bíblico, Pedro representa a posição conservadora, e Paulo, a revolucionária.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. J.J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.
- ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 1ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.
- \_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 71-210.
- BASILE, M. O. N. de. O Império Brasileiro: Panorama Político. In.: LINHARES, Maria Yedda (org.). *História Geral do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, p. 188-295.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 191-200.
- CASTRO, Selma. O discurso profético: ressacralização do espaço social. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987, p. 29-42.
- CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 3 ed. - São Paulo: Contexto, 2016.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In.: BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 161-193.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GUTHRIE, Donald. *Gálatas: introdução e cometário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- KALLARRARI, Celso. O discurso religioso em Dom Casmurro. In. *Linguagem em Revista*. Estudos bakhtinianos: linguagens, gêneros e discursos. vol. 13, n. 25/26 [especial]. Niterói, 2018. Disponível em [http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/25\\_26/07.pdf](http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/25_26/07.pdf) Acesso em janeiro de 2020, p. 161-193.
- \_\_\_\_\_. O Discurso Religioso em Machado de Assis: dialogismo, intertexto e discurso bíblicos. Projeto de pesquisa Iniciação Científica. In. *Sonic*. Iniciação Científica, desenvolvido entre os anos de 2019-2020.
- KRISTEVA, Julia. Bakhtine, le mot, le dialogue et le roman. *Critique. Revue générale de publications*. Paris, v. 29, fascículo 239, abr. 1967, p. 438-465.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução: Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.
- MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. 4 ed. São Paulo: Pontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5 ed. São Paulo: Pontes, 2003.